

OPINIÃO

OLIBERAL

FILIADO A SOCIEDADE
INTERAMERICANA DE IMPRENSA - SIPANJ ASSOCIAÇÃO
NACIONAL
DE JORNALIS

Presidente

Lucidéa Batista Maiorana

Presidente Executivo

Romulo Maiorana Jr.

Diretor Jurídico

Ronaldo Maiorana

(OAB-PA 8667)

Diretora Administrativa

Rosângela Maiorana Kzam

Diretora Comercial

Rosemary Maiorana

Diretor Industrial

João Pojucam de Moraes Filho

Diretor de Marketing

Guarany Júnior

Diretor

José Luiz Sá Pereira

Editor-Chefe

Lázaro Moraes

O LIBERAL é editado por
Delta Publicidade S/A
CNPJ. (MF) 04929683/0001-17.
Inscrição Estadual: Isenta.
Municipal: 032.632-5

**Administração, Redação,
Centro Tecnológico Gráfico,
Publicidade**

Av. Romulo Maiorana, 2473.
CEP: 66.093-005.
Telefone: 3216-1000.
Endereço Telegráfico: JornalLiberal.
Belém, Pará, Brasil.

As opiniões emitidas em textos assinados
são livre manifestação do pensamento de
seus autores e não representam a opinião
do jornal.

**Sucursal Centro/
Centro-Oeste**

Gerente Executiva:
Silvana Scórsin

► **Brasília-DF**
SRTVN Q 701 CONJ. C.
Ed. Centro Empresarial Norte,
Bloco B, sala 432. Cep. 70.719.900.
Fone/fax (61)-3328-9394/3328-9396.
E-mail: sanab634@zaz.com.br

**Sucursal Sudeste/
Sul/ Nordeste**

Diretor:
Carlos Namur

► **São Paulo-SP**
Edifício Iguatemi Office Building
Rua: Iguatemi, 192
Cj. 111 / 11º and. - Itaim. Cep. 01451-010
Fone/fax: (11) 3073.1450 / 1451 / 1453
e-mail: sucursalsaopaulo@oliberal.com.br

Preço do exemplar

Zona I - Abaetetuba, Ananindeua, Arapari, Barcarena, Belém, Benevides, Bragança, Capanema, Capitão Poço, Castanhal, Concórdia, Dom Eliseu, Igarapé-Miri, Irituia, Itinga, Mãe do Rio, Moju, Mosqueiro, Nova Timboteua, Ourém, Paragominas, Quatro Bocas, Salinas, Santa Izabel, Santa Luzia do Pará, Santa Maria, São Miguel do Guamá, Tailândia, Tomé-Açu, Ulianópolis e Vigia.

► **Dias úteis R\$ 2,00**
► **Domingo R\$ 4,00**

Zona II - Almeirim, Altamira, Parauapebas, Conceição do Araguaia, Marabá, Monte Alegre, Monte Dourado, Portel, Porto de Moz, Redenção, Soure, Ourilândia do Norte, Tucumã, Tucuruí, Xingú, Juruti, Santarém, Itaituba, Oriximiná e Óbidos.

► **Dias úteis R\$ 2,50**
► **Domingo R\$ 4,50**

Zona III - Brasília (DF), São Luís, Teresina, Recife, Tocantins, Fortaleza, Manaus e Boa Vista.

► **Dias úteis R\$ 3,00**
► **Domingo R\$ 6,00**

Zona IV - Demais Estados

► **Dias úteis R\$ 4,50**
► **Domingo R\$ 9,00**

Zona V - Macapá

► **Dias úteis R\$ 3,00**
► **Domingo R\$ 6,00**

Telefones de O LIBERAL

Reportagem: 3216-1138
Assinaturas: 3204-6000
Atendimento ao Assinante: 3216-1011
Classificados: 3277-9200
Comercial: 3216-1163 e 3216-1176

domoranitempesta

Preparemo-nos

O Advento é um dos tempos do Ano Litúrgico e pertence ao ciclo do Natal. A liturgia do Advento caracteriza-se como período de preparação, como se pode deduzir da própria palavra advento, que se origina do verbo latino advenire, que quer dizer chegar. Advento é tempo de espera d'Aquele que há de vir. Pelo Advento nos preparamos para celebrar o Senhor que veio, que vem e que virá; sua liturgia conduz a celebrar as duas vindas de Cristo: Natal e Parusia. Na primeira, celebra-se a manifestação de Deus experimentada há mais de dois mil anos com o nascimento de Jesus, e na segunda, a sua desejada manifestação no final dos tempos, quando Cristo vier em sua glória.

O tempo do Advento formou-se progressivamente a partir do século IV e já era celebrado na Gália e na Espanha. Em Roma, onde surgiu a festa do Natal, passou a ser celebrado somente a partir do século VI, quando a Igreja Romana vislumbrou na festa do Natal o início do mistério pascal, e era natural que se preparasse para ela como se preparava para a Páscoa. Nesse período, o tempo do Advento consistia em seis semanas que antecediam a grande festa do Natal. Foi somente com São Gregório Magno (590-604) que esse tempo foi reduzido para quatro domingos, tal como hoje celebramos.

Um dos muitos símbolos do Natal é a coroa do Advento que, por meio de seu formato circular e de suas cores, silenciosamente expressa a esperança e convida à alegre vigília. A coroa teve sua origem no século XIX, na Alemanha, nas regiões situadas ao norte do país. Nós adotamos o costume da coroa do Advento no início do século XX. Na confecção da coroa eram usados ramos de pinheiro e cipreste, únicas árvores cujos ramos não perdem suas folhas no outono e estão sempre verdes, mesmo no inverno. Os ramos verdes são sinais da vida que teimosamente resiste; são sinais da esperança. Em algumas comunidades, os fiéis envolvem a coroa com uma fita vermelha que lembra o amor de Deus que nos envolve e nos foi manifestado pelo nascimento de Jesus. Até à figura geométrica da

A Igreja nos exorta a vivermos em vigília e oração, para que esse tempo da graça seja proveitoso para nós, realizando-se o que proclama a Liturgia: “Ó céus, que chova sobre nós, que suas nuvens derramem a justiça. Abra-se a terra e brote para nós a salvação”.

coroa, o círculo, tem um bonito simbolismo. Sendo uma figura sem começo e fim, representa a perfeição, a harmonia, a eternidade.

Na coroa são colocadas quatro velas, referentes a cada domingo que antecede o Natal. A luz vai aumentando à medida que se aproxima o Natal, festa da luz que é Cristo, quando a luz da salvação brilha para toda a humanidade. Quanto às cores das quatro velas, quase em todas as partes do mundo é usada a cor vermelha. No Brasil, até pouco tempo atrás, costumava-se usar velas nas cores roxa ou lilás, e uma vela cor-de-rosa referente ao terceiro domingo do Advento, quando se celebra o Domingo de Gaudete (Domingo da Alegria), cuja cor litúrgica é rosa. Porém, atualmente tem-se propagado o costume de velas coloridas, cada uma de uma cor litúrgica, mas também por uma cultura própria nossa, visto que nosso país é marcado pelas culturas indígena e afro, onde o colorido lembra festa, dança e alegria.

Dentro da teologia e espiritualidade do Advento, os textos bíblicos falam da dupla vinda de Cristo: a primeira, no Natal, e a segunda, na Parusia, o fim dos tempos. A vinda de Cristo é esperada pela Igreja com oração e vigilância: “Vem, Senhor Jesus”, como São Paulo nos fala. A espera de Cristo é uma das promessas messiânica já cumprida parcialmente. Nossos pais na fé esperaram e não alcançaram, mas ouviram por Isaías que um tempo novo de esperança e de paz chegaria. Todo o Antigo Testamento está voltado, pelo anúncio dos profetas, para o mistério do Cristo que virá. Para nós, hoje, é viver na Igreja toda esta centralidade de Cristo na história da salvação, celebrando o grande mistério: vem a nós O esperado das nações, O anunciado pelos profetas,

O revelado por seu Pai.

Nessa caminhada do Advento, além de Isaías e João Batista, a Liturgia apresenta outra figura importante: Maria. O evangelho de Lucas narra a anunciação, quando Maria diz sim ao convite de Deus e aceita ser mãe de Jesus, que se encarna em seu seio e passa a “habitar entre nós”. Maria é celebrada no dia 8 de dezembro, na festa de sua Imaculada Conceição (quando neste ano teremos a abertura, no Vaticano, do Jubileu da Misericórdia). A Virgem Imaculada diz sim e vive o seu silêncio na escuta do próprio Deus que chega. Do dia 17 a 24 de dezembro, semana de preparação próxima para o Natal, a Liturgia nos marca bem a figura de Maria, a “cheia de graça”, a “bendita entre todas as mulheres”, a “nova Eva”.

Com o pecado de Adão e Eva, Deus anuncia uma nova mulher, uma segunda Eva, que dará à luz um filho. Ele é o “filho das promessas”, o novo Adão, Jesus Cristo, que reerguerá a humanidade decaída por causa da desobediência dos primeiros pais. Maria é presença exemplar no Tempo do Advento, na palavra e na oração, aquela que transformou a espera em presença viva do próprio Cristo. Advento é tempo de oração da Igreja, que ora e suplica para que Cristo seja conhecido entre todos os povos, seja sinal de esperança e sinal de salvação para todos num mundo marcado por guerras, violências, divisões, incredulidades, soberba, autossuficiência. O Advento é um tempo de espiritualidade que nos compromete na tarefa pela construção de “novos céus e novas terras”.

A Igreja nos exorta a vivermos em vigília e oração, para que esse tempo da graça seja proveitoso para nós, realizando-se o que proclama a Liturgia: “Ó céus, que chova sobre nós, que suas nuvens derramem a justiça. Abra-se a terra e brote para nós a salvação”.

■ **Orani João, Cardeal Tempesta, O.Cist. Arcebispo Metropolitano de São Sebastião do Rio de Janeiro, RJ.**

jotabest1961@gmail.com



pierre teisserenc

Territórios onde se reinventa a democracia local

O Brasil tornou-se célebre mundialmente com as experiências do orçamento participativo em algumas capitais do país, como Porto Alegre e Belém. Quando assistimos a um esgotamento dessas experiências, não somente no Brasil e na América Latina, mas também em outros continentes, esquecemos que alternativas em termos de espaços públicos têm lugar em territórios rurais e urbanos, reconhecidos pelos poderes públicos nacionais como espaços destinados a experimentar novas formas de desenvolvimento baseadas nas exigências de conservação da biodiversidade e da sociodiversidade.

Neste campo o Brasil mais uma vez inova; do que se trata justamente? Da criação das Reservas Extrativistas, um tipo de área protegida, que remonta ao final dos anos de 1990, embora só mais recentemente ocorra uma expansão em seu número. No entanto, apesar de sua originalidade, essas experiências não são objeto de ampla divulgação nas cadeias de comunicação nacionais, o que leva a um desconhecimento por parte do grande público, mesmo se contribuem significativamente para uma gestão inovadora do território, na renovação de práticas locais de democracia e, em certos casos, para transformações no sistema de poder local.

Por que o Brasil neste domínio é vanguarda? Porque ao instituir a Reserva Extrativista como Unidade de Conservação, o Estado brasileiro dotou-se de um instrumento de política pública original pelo qual tem sido fixados objetivos ambiciosos. Esta originalidade em parte deve-se ao fato de este ser um dos raros instrumentos de

É preciso considerar que no Pará atualmente há 14 Reservas Extrativistas Marinhas incidindo sobre o essencial de toda a costa nordeste, além de outras incidindo em terra firme disseminadas em outras regiões.

política pública elaborado, formalizado e experimentado pelo movimento social. Um movimento que, sob a liderança de Chico Mendes no estado do Acre, nos anos de 1980, beneficiou-se de um contexto mundial sensível à questão ambiental, assim como de uma aproximação com o meio científico. De certo modo Chico Mendes e seus companheiros demonstraram que práticas alternativas de desenvolvimento, socialmente inclusivas e ambientalmente adequadas, eram possíveis, e que uma utopia poderia tornar-se realidade se dados os meios!

São essencialmente três os fatores do sucesso dessas Reservas. Primeiro sua criação exige o reconhecimento, pelos poderes públicos nacionais, das populações tradicionais organizadas em comunidades às quais são conferidos, no âmbito de um contrato de gestão, o direito ao uso dos recursos baseado em conhecimentos, práticas e cosmologias, que as predisõem a uma gestão do território correspondente à conservação da natureza. Segundo, a criação de uma Reserva faz-se acompanhar de aportes, parte financeiros, destinados às suas populações, e parte, em termos de recursos técnicos e científicos multidisciplinar que permitam valorizar o potencial dos conhecimentos e práticas

dessas populações. Terceiro, às populações são oferecidas ferramentas de elaboração e uso participativos (os diagnósticos e os planos de gestão) e uma instituição de gestão, o Conselho Deliberativo, que se beneficia da legitimidade e dos recursos da União para gerir um território. Onde esta instituição funciona, a mesma é levada a desempenhar um papel ativo no desenvolvimento de práticas locais de democracia que podem até, em certos casos, colocar em xeque o poder local.

Essas experiências não são isoladas. É preciso considerar que no Pará atualmente há 14 Reservas Extrativistas Marinhas incidindo sobre o essencial de toda a costa nordeste, além de outras incidindo em terra firme disseminadas em outras regiões. A título de exemplo, a Reserva Extrativista de São João da Ponta, próxima a Castanhal e Belém, conta com o apoio de estudantes universitários, de pesquisadores e de serviços técnicos que participam de sua dinamização, sob as orientações do Conselho Deliberativo e de um agente do ICMBio. Quando das eleições de 2008, o poder local em São João da Ponta foi assumido por um ex-presidente da associação dos usuários da Reserva, e sua equipe apoiou seu desenvolvimento ao ponto de líderes comunitários implicados no processo se engajarem em uma formação, para qualificar a politização de suas atividades, iniciada numa parceria ICMBio e UFPA.

■ **Pierre Teisserenc é professor Emérito da Universidade Paris 13 e colaborador do Núcleo de Meio Ambiente da UFPA.**